

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

NORIVALDO SALINA

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA LATINA NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICO,
SEMÂNTICA E FONOLÓGICA PARA O ESTUDO DA BOTÂNICA**

**JARDIM-MS
2012**

NORIVALDO SALINA

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA LATINA NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICO,
SEMÂNTICA E FONOLÓGICA PARA O ESTUDO DA BOTÂNICA**

**Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habitação Português-Inglês da Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em Letras.**

Orientador: Prof. Me. Clemliton Pereira dos Santos

**JARDIM-MS
2012**

NORIVALDO SALINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA LATINA NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICO,
SEMÂNTICA E FONOLÓGICA PARA O ESTUDO DA BOTÂNICA**

APROVADO EM: _____/_____/_____

**Orientador: Prof. Me. Clemliton Pereira dos Santos
UEMS/Jardim**

**Prof.^ª Me. Letícia Pereira de Andrade
UEMS/Dourados**

Prof. Me. Ilzo Audício Meirelles

Salina, Norivaldo

A importância da língua latina na transposição didática,
semântica e fonológica para o estudo da botânica/
Norivaldo Salina. Jardim: UEMS, 2012. 40 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul.

1. Latim 2. Estratégias de leituras
3. Aspectos fonológicos e semânticos

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Norivaldo Salina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, reverencio a Deus por me conceder a vida e, posteriormente, agradeço a cada um dos meus familiares que sempre deram incentivos na busca do conhecimento, e em especial a minha mãe Maria Santa Salina e ao meu Pai José Lídio Martines que de maneira extraordinária contribuíram nesse processo.

Tive a oportunidade de conviver com outras três famílias que constantemente me influenciaram nessa luta, sendo que a primeira delas é a da dona Eidi Gomes Freitas na qual o meu interesse pela leitura foi despertado através das obras espíritas. A segunda a ser mencionada é a dos meus primos Renan Martins Gimenes e Renê Martins Gimenes que também foram fundamentais na conquista dessa graduação. Já a terceira que tive a grandiosidade de conhecer e conviver foi a da minha irmã Magaly Cristina Pardo Braga, sobrinha Hellen Fabiany Braga Fleitas e o meu sobrinho Lucas Kaique Braga Fleitas que se tornou um amigo para a eternidade.

Os verdadeiros amigos são a essência da vida, porque são com eles que interagimos e aprendemos a respeitar os limites de cada um. Seria injustiça desprestigiar quatro amigos que contribuíram para a minha formação: Bruno Galassi Ferreira, Celeido Alves Cardoso, Reinaldo Dávalo e Rogério Benites Brites e os demais que não são menos importantes porque de alguma forma enriqueceram a minha vida com palavras incentivadoras. Talvez possa ser muito pouco o que tenho a dizer, mas espero que vocês aceitem o meu muito obrigado.

A gerência, funcionários e professores da unidade de Jardim, em especial a professora Roseli Grubert que sempre atendeu as minhas solicitações só tenho a agradecer a cada um de vocês.

Por fim serei eternamente grato ao meu orientador professor Clemilton Pereira dos Santos que sempre foi receptivo aos nossos diálogos e atuante para que o meu TCC fosse concluso.

“Só o latim, esse latim de que os estudantes fogem como de uma coisa negregada, nos garante uma boa sintaxe, nos permite evitar as impropriedades, conservar às palavras o seu verdadeiro significado, aproximando-as de sua verdadeira significação etimológica, como faziam os clássicos de nossa literatura que alimentaram o seu espírito com forte seiva latina.”

(Mário Barreto, notável filólogo brasileiro).

RESUMO

SALINA, Norivaldo. **A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA LATINA NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICO, SEMÂNTICA E FONOLÓGICA PARA O ESTUDO DA BOTÂNICA**. 2012. 40 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim-MS, 2012.

O trabalho intitulado “A importância da língua latina na transposição didático-semântica e fonológica no estudo da Botânica” têm por objetivo estudar, no seu aspecto semântico e fonológico, alguns nomes científicos de plantas, a partir da obra Plantas do Pantanal, de Arnildo Pott e Vali J. Pott, publicada em 1994, (previamente sugerido pela Prof^a Glaucia). A pesquisa se justifica tendo em vista a necessidade que os professores e acadêmicos do curso de Ciências Biológicas, mais especificamente da disciplina de Botânica têm quanto à leitura (pronúncia) dos nomes científicos, que na sua maioria, são descritos em latim, bem como a dificuldade que os acadêmicos da Biologia encontram em compreender os sentidos dos nomes tendo em vista o pouco conhecimento sobre a língua latina. Primeiramente, nossa pesquisa apresenta uma exposição acerca do contexto histórico e do caráter do latim enquanto língua universal, daí sua importância será sustentada na compilação de palavras, grupos de plantas presentes no livro de botânica escolhido, a fim de estudá-las fonética e semanticamente a partir do dicionário etimológico de Saraiva (2000).

Palavras-chave: **1) Latim; 2) Estratégias de leitura; 3) Aspectos Fonológicos e Semânticos.**

ABSTRACT

SALINA, Norivaldo. THE IMPORTANCE OF LANGUAGE TEACHING AMERICA IN IMPLEMENTATION, AND SEMANTICS PHONOLOGICAL FOR THE STUDY OF BOTANICAL. 2012. 40 f. TCC (undergraduate) course - Letters hab. Port. Ingl., State University of Mato Grosso do Sul, Garden-MS, 2012.

The paper entitled "The importance of Latin in implementing semantic and phonological didactic in the study of botany" have to study in their phonological and semantic aspect, some scientific names of plants, plants from the work of the Pantanal, the Pott Arnildo Vali and J. Pott, published in 1994 (previously suggested by Prof^a. Glaucia). The research is justified in view of the need for teachers and students of Biological Sciences, specifically the discipline of Botany have about the reading (pronunciation) scientific names, most of which are described in Latin as well as the difficulty that academics are in biology to understand the meanings of the names given the little knowledge of the Latin language. First, our research presents an exhibition about the historical context and character of Latin as the universal language, hence its importance will be sustained in the compilation of words, groups of plants present in botany book chosen in order to study them phonetically and semantically the from the etymological dictionary of Saraiva (2000).

Keywords: 1) Latin; 2) Reading strategies, 3) Phonological and Semantic Aspects.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - HISTÓRICO DA LÍNGUA LATINA.....	10
1 O Sistema Fonético Latino	13
2. Os Aspectos Morfológicos: O Caso do Substantivo	15
CAPÍTULO II - O USO DO LATIM NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	18
CAPÍTULO III - LEVANTAMENTOS DOS VOCÁBULOS CIENTÍFICOS: UMA CONTRIBUIÇÃO FONOLÓGICA E SEMÂNTICA	21
1. Fonologia	21
2 Estratégias de Leitura: Contribuição Semântica.....	22
3. Os levantamentos.....	24
4. Dinâmica de apresentação	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS.....	28

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “A importância da Língua Latina na transposição didática, semântico e fonológico para o estudo da Botânica” têm por objetivo estudar, no seu aspecto semântico e fonético, alguns nomes científicos de plantas, a partir da obra *Plantas do Pantanal*, de Arnildo Pott e Vali J. Pott, publicada em 1994, previamente recomendado por profissional da Botânica.

A nossa pesquisa se justifica tendo em vista a necessidade que os professores e acadêmicos do curso de Ciências Biológicas, mais especificamente da disciplina de Botânica tem quanto à leitura (pronúncia) dos nomes científicos, que na sua maioria, são descritos em Latim, bem como a dificuldade que os acadêmicos da Biologia encontram em compreender os sentidos dos nomes tendo em vista o pouco conhecimento sobre a Língua Latina.

Nosso estudo apresenta uma exposição acerca do contexto histórico e do caráter do Latim enquanto língua universal, daí a sua importância será sustentada na compilação de palavras, grupos de plantas presentes no livro de Botânica escolhido, a fim de estudá-las fonologicamente e semanticamente a partir do dicionário etimológico de Saraiva (2000).

O primeiro capítulo abordará a questão da história da Língua Latina, seu surgimento e sua valorização enquanto língua universal, mostrando que o Latim clássico, literário foi utilizado pela ciência por ser estável e uma língua sintética.

O segundo capítulo tratará do uso do Latim nas Ciências Biológicas, em especial, na Botânica, mostrando que é uma língua oficial destes estudos em todos os lugares do mundo, talvez por ser a mais sintética e livre de subjetivismos linguísticos.

O terceiro capítulo tratará da contribuição deste trabalho para acadêmicos de Botânica. Levantaremos alguns vocábulos a serem apresentados de forma didática àqueles que não são da área das linguagens.

Por fim, seguem as considerações finais, às referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DA LÍNGUA LATINA

A nossa pesquisa envolvendo a Língua Latina abordará brevemente o contexto histórico, através do embasamento de alguns teóricos como: Martins, Cardoso, Gladstone, etc. Não objetivamos nos aprofundar tanto no contexto acima citado porque a nossa pesquisa também aborda a presença do Latim nas Ciências Biológicas, especificamente, na Botânica.

Início os nossos apontamentos baseado nos estudos da Martins (2006, p.18) que descreve que muitos ainda questionam e tentam desprestigiar a Língua Latina enfatizando que aparentemente tudo já foi dito, muitas vezes, isso se torna uma afirmação equivocada nas mãos de autores atuais, sobretudo em livros de iniciação ao estudo do *Latim*.

De acordo com Cardoso (1997, p.5-6), o Latim era a língua falada no Lácio (Latium), região da Itália central, onde meados do século VIII a.C, foi fundada a cidade de Roma. Já Gladstone Melo (1981, p.56) complementa descrevendo que o Latim, originariamente tosca língua de pastores e agricultores, formou-se no Lácio, pequena região às margens do Tibre, onde mais tarde se edificou a cidade de Roma. Por sua vez Martins (2006, p.18) afirma ser o Latim, língua dos romanos, do pensamento de Roma e de sua brilhante civilização, pertence à família das línguas indo-europeias. Ainda é muito incerto o período em que seria falada essa língua, que segundo os autores, pode ser entre 5000 a 2000 a.C, sendo o período mais aceito o terceiro milênio a.C.

Ao longo desse processo histórico, outras relações são pontuadas por Cardoso (1997, p.6), na questão de que havia um estreito parentesco entre o Latim e dois outros idiomas falados, antigamente, na Península Itálica: o osco, língua do Sâmnio (Samnium) e da Campânia (Campania), e o umbro, língua da Úmbria (Umbria). A grande semelhança entre esses três idiomas fez supor a existência de uma língua única, a qual se convencionou denominar “itálico” e que teria dado origem a eles.

Com base nessas informações podemos perceber que num primeiro momento Cardoso (1997) apenas fala desse surgimento da língua e não busca enfatizar a importância que teve para os romanos. A autora também não adentra na delimitação das características desses outros dois idiomas, somente com a leitura de outra obra que podemos ter essas

informações. É Gladstone Melo (1981, p.57) que afirma por circunstâncias históricas conhecidas, Roma se expandiu e se fez senhora do mundo mediterrâneo por consequência, o Latim teve ampliadíssima a sua área, tornando-se, com o tempo, a língua-comum de vasta região e, desse modo, acabou absorvendo os outros falares itálicos, osco e umbro.

O mesmo autor (1981, p.57) afirma que o *umbro* foi falado em uma região a nordeste do Lácio e dele temos conhecimento por meio de sete inscrições em bronze, descobertas em 1444 num subterrâneo junto a um teatro romano, e pertencentes desde 1456 à cidade italiana de Gubio, - Iguvium para os latinos-, razão pela qual são chamadas “tábuas iguvinas”. Por outro, o *osco* foi falado ao sul do Lácio e teve maior longevidade que o umbro, já que ainda era empregado no século primeiro da nossa era. São poucos os documentos da língua: uma centena de inscrições, encontradas principalmente em Cápuia, a tábua de Bântia e o famoso “cipo de Abela”, cidade esta da Campânia, produtora de apreciadas nozes, “nucis abellanae” (do adjetivo pátrio de Abela, no feminino, abellana-(nux) -, é que vem a nossa palavra avelã).

No decorrer da história a Língua Latina passou por muitas transformações que contribuíram para o seu crescimento sendo que um dos destaques que levaram a essa propagação do Latim no vasto Império romano foi o exército. Nos relatos da Martins são descritos que o soldado romano ensinava a sua língua e sua pronúncia, mas ao mesmo tempo aprendia a prosódia e a língua de seus companheiros. Formava-se assim um latim um pouco “mestiçado”, pois se casava com os dialetos afins e por isto mesmo apresentava arcaísmos condenados em Roma.

O nosso objetivo é intentar abarcar as variadas informações contidas em algumas referências que envolvem o estudo do Latim. Desse modo, complemento a afirmação de Martins acima citada com base nas pesquisas do Bassetto (2001, p.88-89), o qual afirma que quando os romanos começaram a se projetar, a Itália era um mosaico de raças, pois dentro desse vasto território, o latim era a língua dos dominadores que em contato com tantos idiomas diversos, o Latim influenciou-os e foi por eles influenciado, principalmente no léxico da variedade linguística denominada Latim vulgar, falada pelo povo.

Notamos uma classificação diferente no que envolve os primeiros documentos acerca da Língua Latina. Um dos destaques que podemos notar são as inscrições encontradas na fíbula de Preneste que se tratava de uma fivela do século VII ou VI a.C que é pontuado tanto por Cardoso (1997) quanto por Martins (2006). Comparando as duas autoras, verifica-se que Martins aborda essa informação como Latim arcaico e Cardoso

como latim proto-histórico no seu tópico “Evolução do Latim”, também é interessante destacar que Martins (2006, p.21) discorre com concretude no que tange as características encontradas na inscrição da fivela de ouro “MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI” = “Manius me fecit Numerio” = “Manios me fez para Numério”. De acordo com Martins (2006, p.21) é interessante notar ainda, nesta inscrição, a posição medial do verbo, que contrasta com a posição mais normal de ser encontrada no Latim clássico, que é no fim da frase.

Podemos dizer que num primeiro momento o que existia era simplesmente o Latim, porém com o tempo o idioma dos romanos ganha maiores proporções e sua denominação transforma-se num instrumento literário. Diante desse acontecimento surge o contraste entre os dois estudos que envolvem o clássico e o vulgar. Com base em Coutinho (1973, p.29) não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua sendo que um surgiu do outro, como a árvore surgiu da semente. Essas duas modalidades do Latim, a literária e a popular, receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*.

Com o objetivo de complementar o entendimento no que envolve a palavra “sermo”, buscamos na leitura de Martins (2006, p.23) o relato de que os escritores do período clássico haviam percebido a existência de variantes da Língua Latina e caracterizavam-nas adjetivando a palavra *sermo* que significa “linguagem”, “conversaçoão”. Com efeito, há três fatores envolvidos nas variantes que uma língua pode apresentar: a variação social, correspondente á estratificação social, a geográfica, correspondente ás diferenças geográficas, e as diferenças relativas ao grau de formalidade da situação de fala.

Antes de abordamos algumas características do Latim clássico, faremos uma síntese das três normas que se distinguiram a partir do século III a.C., no latim de Roma:

O *sermo classicus ou litterarius*: burilado, artístico, sintético, só escrito, que atingiu o ápice no período áureo da literatura latina entre 81 a.C. e 14 d.C., tanto na prosa com Cícero, César e Salústio, como no verso com Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucrécio e Catulo. É uma estilização do *sermo urbanus*. O *sermo urbanus*: a língua falada pelas classes cultas de Roma, certamente correto do ponto de vista gramatical, mas sem refinamentos e a estilização da variedade literária, denominada *vulgaris* por Cícero. Os falantes dessa norma eram também os principais detentores da norma literária. O *sermo plebeius*: essencialmente falado, era a norma da grande massa popular menos favorecida, analfabeta. Foi metodicamente ignorada pelos gramáticos e escritores romanos, mas era viva e

real; apresenta variante sobretudo no léxico, segundo o modo de vida dos falantes, distinguindo-se o sermo *rusticus*, o *castrensis* e o *peregrinus*. (BASSETTO, 2001, p.92).

O parágrafo seguinte menciona o momento que o Latim clássico começa a atingir seu posto na história juntamente com seus precursores que contribuíram para seu uso naquele período e por consequência seu reflexo nos dias atuais.

O Latim clássico é o que floresce a partir do segundo quartel do século I a.C., quando são compostas as grandes obras que marcaram os momentos mais importantes da prosa latina: as obras de Cícero, Virgílio, Horácio, Tito Lívio e numerosas outras figuras de relevo. É uma língua cultivada, artística, profundamente diferente do que seria o Latim falado, mesmo pelas classes sociais mais cultas. O Latim clássico se preservou graças à conservação de inúmeras obras literárias e é dessa modalidade linguística que puderam ser apreendidos os fenômenos gramaticais do idioma. (CARDOSO, 1997, p. 7)

Com base em Coutinho (1973, p. 29) o Latim clássico era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Por isto, tornou-se a língua universal, utilizada pela ciência e para descrever novos nomes que foram surgindo, como no caso da Botânica o Latim que se utiliza é o clássico.

1.1 O Sistema Fonético Latino

Cardoso (1997, p.14) afirma que apesar de poder parecer muito complexa a tarefa de descrever o sistema fonético de uma língua não falada, no caso especial do Latim essa tarefa se simplifica, uma vez que muitos gramáticos romanos (tais com Mário Vitorino, Terenciano, Marciano Capela, Sérvio, Sérgio, Donato e outros) se ocuparam do assunto, fornecendo-nos descrições dos fonemas existentes em tal língua e esses fonemas. Na época clássica, representavam já o produto de longa evolução, como o atestam os textos arcaicos e as inscrições do período proto-histórico.

Com o objetivo de tentar buscar um resultado o mais satisfatório possível na questão da pronúncia, recorreremos às pesquisas feitas por Comba (1991, p.15-16) que diz ser impossível determinar com exatidão qual fosse a pronúncia da Língua Latina no tempo dos romanos. O autor também acrescenta que no Brasil algumas escolas adotaram a *Pronúncia*

Romana, usada em Roma nos nossos dias, a qual praticamente, já se tornou oficial na liturgia católica; outras seguem a *Pronúncia Tradicional*, comum nas escolas de Portugal e do Brasil; outras, enfim, adotaram a *Pronúncia reconstituída*, a qual, com bases científicas, se esforçam para imitar a pronúncia usada pelas pessoas cultas de Roma na época de Marco Túlio Cícero.

No paralelo entre as três pronúncias é interessante destacar alguns dos aspectos que são recorrentes as três pronúncias. Para Comba (1991) “na Pronúncia Romana os ditongos æ (ou *ae*) e œ (ou *oe*) soam e: As rosas rosae, pronuncia-se rosé; castigo poena, pr. péna. A tradicional recebe a mesma característica e na pronúncia reconstituída os ditongos æ (ou *ae*) e œ (ou *oe*) soam respectivamente ae ou oe: As rosas rosae, pr. rósae; pena poena, pr. póena”.

Outras características são destacadas e possuem suas respectivas relações, porém o nosso trabalho não objetiva esse aprofundamento no estudo de cada pronúncia tendo em vista a necessidade primeiramente de oferecer alguns subsídios a fim de facilitar tanto a leitura quanto a pronúncia e o significado de alguns termos científicos na Língua Latina. Para fins de metodologia de trabalho a ser adotado optamos por utilizarmos da pronúncia reconstituída, a partir de Comba (1991, p.17), por ser mais didática e oportuna aos dias de hoje principalmente se pensarmos no conhecimento em torno dos estudos da linguagem que o público alvo desse trabalho (acadêmicos das ciências biológicas) têm.

Essa pronúncia reconstituída conforme Comba,

[...] é descrita através desses casos: a) Os ditongos æ (ou *ae*) e œ (ou *oe*) soam respectivamente ae e oe: As rosas rosae, pr. rósae; pena poena, pr. póena. b) O *c* tem som de *k*: Cícero Cicero, pr. Kíkero. c) o *g* tem o som do grupo *gu* na palavra “guerra”: Gentes gentes, pr. guentes. d) O *j* soa (nº. 21, c) soaria como *i*: Jurar jurare, pr. iuráre. e) O *s* tem sempre o som de *ss*: Rosa rosa, pr. rossa. f) O *v* soa como *u* (como *w* na palavra inglesa window): Vinho vinum, pr. uinum. g) O *x* soa *ks*: Esposa uxor, pr. úksor. h) O *u* soa sempre: cobra anguis, pr. ángüis. i) O *y* tem o som do *u* na palavra francesa mur (muro). J) O *z* soa como *dz*: Zelo zelus, pr. dzélus. l) O *h* é levemente aspirado como na palavra inglesa *hat* (chapéu). (COMBA, 1991, p.17)

Verificamos que o autor faz algumas observações finais que servem para as três pronúncias: a) Evite-se o som mudo do *e* e do *o*, e todo som nasal: MARE (mar), pr. mare

e não mari; dono (dôo), pr. dóno e não dónu; amamus (amamos), pr. amámus e não amâmus.

O aspecto da pronúncia foi prestigiado, desse modo devemos incrementar inserindo a acentuação que, conforme Almeida (2000), não se tolera a pessoa que acentua mal as palavras portuguesas, muito menos se tolera a pessoa que acentua mal os vocábulos latinos. O autor afirma, se a penúltima vogal, ou seja, se a penúltima sílaba de uma palavra latina trouxer o sinal ˘, que se assemelha a meia lua (ã, ě, ĭ, õ, ů), o acento deverá recuar para a vogal anterior. Já se a penúltima sílaba, ou seja, a penúltima vogal de uma palavra trouxer um tracinho longo - (ā, ē, ī, ō, ū), o acento deverá cair nessa mesma vogal. A propriedade que têm as vogais de ser longas ou breves é que se chama em Latim quantidade.

É interessante conhecer brevemente o sistema fonético do Latim clássico, para então ler com mais propriedade os termos botânicos que trabalharemos no terceiro capítulo.

1.2. Os Aspectos Morfológicos: O Caso do Substantivo

Ao discorrermos sobre os aspectos da morfologia latina convém mencionar que uma das características da variedade “clássica” no que se refere à questão gramatical está no seu poder de sintetização. Talvez por isto, muito utilizado pela ciência moderna.

De acordo com Martins (2006),

O Latim clássico é uma língua sintética, isto é, possui terminações próprias (desinências), que, no fim da palavra, indicam a função sintática, ou seja, os casos latinos. Essas palavras que possuem flexão são os nomes (substantivos, adjetivos e pronomes) e os verbos. Em Latim, a frase *Intelligenti pauca* (Spalding, [s./d.]) traduz-se em português por ‘Ao que sabe compreender, pouca coisa basta’. Este é um bom exemplo do que significa ser uma língua sintética, por oposição a uma língua analítica como o português. (MARTINS, 2006, p. 28).

Objeto de maior relevo em nosso trabalho, a formação desse substantivo latino será por nós descrita tendo em vista o fato de que os nomes trabalhados referem-se a substantivos.

Assim, podemos mencionar que os substantivos eram divididos em 05 grandes grupos aos quais chamavam de declinações. De acordo com Bassetto “os latinos traduziram o grego por *nomen*; data de 1540 a distinção de *nomen substantivum*, (nome) substantivo, para designar o ser, aquilo que existe de qualquer forma, com substância própria.” (BASSETTO, 2010, p. 94).

No contexto das cinco declinações, vamos discorrer a questão do gênero em geral que segundo Furlan (2006, p.54) é indicado tanto pelo sexo ou ofício que os romanos atribuíam aos seres por eles designados (gênero natural), quanto pela concordância dos adjuntos com seus substantivos em gênero, número e caso (gênero gramatical). O gênero dos substantivos masculinos e femininos latinos é, de modo geral, o mesmo que subsistiu no português.

Na transposição do Latim para o português, a maioria dos substantivos de gênero neutro assumiu o gênero masculino dos nomes em - us (*plumbum*, *corpus*, *lignum*, *caput*, “chumbo, corpo, lenho, cabo”), enquanto que os poucos plurais da 2ª declinação assumiram o gênero feminino, por influência da sua desinência - a: *ligna* – lenha, *signa* – senha, *brachia* – braça, *ova* – ova, *folia* – folha, *cincta* – cinta; exemplos da 3ª declinação: *tempora* – têmpora; *capita* – capitã – cabeça; *animalia* – alimária. (FURLAN, 2006, p.54).

Diante dessa pesquisa que também aborda as nomenclaturas científicas optamos por mencionar a 1ª e 2ª declinações, que segundo Furlan (2006) a primeira é composta de tema em **a** e genitivo em **ae** (*serv- a*, *-ae*), compreende: a) substantivos de gênero feminino, exceto alguns poucos nomes de pessoas de sexo masculino (*Galba*, *Agrippa*) e de profissões que os latinos consideravam próprias do homem (*agrícola*, *nauta*, *poeta*, *scriba*), que são masculinos, b) muitos adjetivos de gênero feminino (*alta*, *vera*, *praeclara*) já a segunda trata-se de tema em **o** (*servus* – *servos*) e genitivo em **i**, compreende substantivos cuja forma de nominativo singular termina em - us, -er, -ir, -um, bem como adjetivos de nominativo em -us, -er,-um.

Com base em Furlan (2006) complementamos que são **femininos** os substantivos que designam seres capazes de gestar (*mater*, *Livia*, *Iuno*, *Venus*), bem como – pelo mesmo processo de animização – os nomes de árvores, cidades, ilhas e países: *pirus*, “pereira”, *Corinthus*, *Cyprus*, *Aegyptus*. São neutros os raros nomes não flexionáveis

(nefas, “ilícito”) e os de seres inanimados: sigillum, curriculum; corpus, poma, caput, cornu.

Segundo Bassetto (2010, p. 196),

[...] de modo geral, o traço temático “animado” permitia distinguir o masculino do feminino, como servus- serva, “escravo-escrava”, enquanto o neutro (ferrum, marmor, cornu) se relacionava a temas com traço “inanimado” era marcado pelo fato de os neutros terem sempre o nominativo, o acusativo e o vocativo iguais no singular e sempre a flexão /-a/ nos mesmos três casos no plural.

No caso da Botânica, as palavras em Latim em sua maioria são substantivos e adjetivos conforme verificaremos em capítulo oportuno que trata justamente da relação entre a Língua Latina e a Botânica.

CAPÍTULO II

O USO DO LATIM NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Antes de relatarmos a presença da Língua Latina nas Ciências Biológicas, descreveremos sobre uma figura importante da Botânica, de acordo com Sá, Teofrasto (aproximadamente 371 a - aproximadamente 287 AC) foi o responsável pela primeira classificação das plantas, dividindo-as em modos de reprodução, locais de origem, tamanhos e usos práticos. Escreveu também sobre o que influencia a fecundação e o crescimento das plantas. Embora houvesse muito de fantasia e inexatidão em seus textos, havia também contribuições inestimáveis para a Botânica dos séculos seguintes.

Não podemos desprestigiar uma língua que deu origem ao nosso idioma, ou seja, devemos lutar pela sua conservação, porque precisamos entender assuntos que estão presentes na atualidade e necessitam do conhecimento da Língua Latina para obtermos entendimento, inclusive um dos destaques do nosso trabalho são as nomenclaturas científicas encontradas na Botânica que são provenientes do Latim clássico.

A nossa pesquisa se intensifica, porque os estudos de Martins (2006, p.23) comprovam essa ligação com a Botânica e outras importantes situações envolvendo a língua literária que segundo a autora continuou no *sermo ecclesiasticus* (a partir do séc. 5 d.C.) e também no *sermo profanus*, com os tratados de Medicina, Filosofia, Ciência, etc., durante toda a idade média e até mesmo já na idade moderna.

De acordo com Martins (2006, p.23) se torna evidente a valorização que é fornecida a Língua Latina o que contribui para o entendimento daqueles que afirmam ser uma “língua morta”. Pode se dizer que até hoje vive porque é a língua do Vaticano e de toda a documentação da Igreja Católica, além de ser empregada na botânica e de ser adstratos permanente das línguas românicas e até de línguas não românicas, como o inglês. Como vemos, o *sermo urbanus* fixou-se como língua escrita (o Latim clássico que estudamos), porém o latim culto falado, (*sermo urbanus*) a partir do qual obteve sua origem, extinguiu-se, com a ruína da classe que o sustentava.

De acordo com Maraschin (s.d),

não se sabe até quando o Latim será utilizado nas Ciências Biológicas. Talvez consiga resistir apenas durante algum tempo, enquanto houver defensores que o preferem às línguas modernas desde a segunda metade da década de 90, alguns estudiosos vem propondo a substituição do Latim usado nas diagnoses pelo inglês, por ser esta a língua mais comum entre a maioria dos taxonomistas, o que, segundo argumentam, tornaria mais prática a publicação de novidades botânicas. Tal proposta encontrou oponente inclusive de língua inglesa, pois não há garantia de que o inglês continue a ser a língua mais comum na Botânica sistemática daqui a duas ou três décadas, por exemplo. Até lá esta posição poderá ser ocupada por outra língua qualquer.

Por outro lado o posicionamento de Nic-Lughadha (1999, p. 234):

[...] se a língua oficial para diagnoses fosse mudada constantemente, o resultado seria uma literatura Botânica tão heterogênea que se tornaria difícil encontrar um taxonomista que conseguisse trabalhar com toda ela, desde a época do Lineu, sem precisar da ajuda de um tradutor. É claro que a possibilidade de publicar diagnoses em inglês facilitaria o trabalho dos anglófonos (inclusive muitos botânicos brasileiros), mas é importante lembrar que eles precisariam de um conhecimento de latim para trabalhar com a literatura antiga.

Para ressaltarmos essa importância da Língua Latina abordaremos as considerações de Cardoso (1997, p 8-9), com as invasões dos povos bárbaros e o esfacelamento do império Romano. Segundo o autor o latim perdeu a sua unidade como língua, gerando inúmeros dialetos locais que se desenvolveriam em numerosos idiomas. As classes cultas, entretanto, procuraram ainda, por muito tempo, manter o uso do Latim. Os tabeliães utilizavam-no até o século XII em documentos oficiais, muito embora nesses textos a língua já se mostre bastante deteriorada. A igreja fez do Latim a sua língua oficial, sendo tal idioma obrigatório, até 1961, tanto na redação de documentos eclesiásticos como na realização de cultos e cerimônias religiosas. A ciência, por sua vez, até o início do século XX, viu no Latim uma espécie de linguagem universal, e nessa língua foram escritos inúmeros tratados filosóficos, científicos e acadêmicos.

Vale salientar que a Língua Latina e a língua inglesa em outros tempos já passaram por situações em que foi necessário optar por uma ou outra. Um exemplo disso está no fato de que em 1961 o acordo entre MEC e USAID exigiu retirada da Língua Latina da educação básica em prol do aumento da carga horária de língua inglesa em

épocas de ditadura. Talvez esse fato marcou e continua presente no ensino de língua portuguesa até os dias atuais deixando consequências para o processo de ensino e aprendizagem de línguas. Segundo Viaro (1999), a ausência do Latim faz com que o aluno deixe de ser capaz de alcançar voos mais profundos.

Apesar do governo português não entender a importância do Latim na educação. Esta língua ainda continua em pleno século XXI a ser utilizada pela ciência, como veremos em alguns vocábulos. Assim, no próximo capítulo, ofereceremos subsídios fonológicos e semânticos com intuito de contribuir para o fluir dos estudos relacionados aos nomes científicos, presentes na Botânica.

CAPÍTULO III

LEVANTAMENTOS DOS VOCÁBULOS CIENTÍFICOS: UMA CONTRIBUIÇÃO FONOLÓGICA E SEMÂNTICA

3.1. Fonologia

Comentar sobre fonologia requer uma breve recuperação de alguns conceitos abordados pelo pai da lingüística moderna, Ferdinand de Saussure, em seu “Princípios de Linguística geral” em torno das dicotomias, mais especificamente do par língua versus fala. Enquanto a primeira é imutável, abstrata, a segunda é mutável, ou seja, variável e concreta, pois emana da prática diária. Desses conceitos originam os estudos da fonética e da fonologia.

Sendo a primeira responsável por estudar os sons da fala enquanto variável, a partir de aspectos geográficos, sócio-históricos e biológicos tendo em vista que cada aparelho fonador faz suas construções, acomodações, assimilações, adaptações, sendo obvio o fato de que enquanto falantes também disponibilizamos das analogias fonéticas e estamos sujeitos às leis fonéticas de menor esforço, lei da permanência da sílaba tônica.

A fonologia corresponde aos estudos da formação dos fonemas (vogais e consoantes) da língua, suas propriedades físicas, ou seja, invariável, seguindo a transcrição fonológica conforme o alfabeto fonético internacional que serve de referência para a pronúncia de quaisquer fonemas feita por qualquer usuário, seja ele, falante oriental ou ocidental.

Segundo Souza e Santos (2003), fonologia é o estudo dos fonemas. Dessa forma a transcrição fonológica, conforme Lopes (2001, p.117), reproduz graficamente só os fonemas de uma língua, não levando em conta a diversidade dos sons que realizam esses fonemas na fala. A transcrição fonológica é feita entre barras oblíquas; “tia” /tja/.

De acordo com Lopes (2001) o alfabeto fonético internacional busca compreender a descrição dos sons de forma mais fiel possível, a fim de evitar ambiguidades. Conforme Lopes (2001, p.115), a representação dos sons da língua, dos fonemas, manifesta-se pelos colchetes, sendo suas consoantes e vogais divididas em:

Consoantes oclusivas:

[/p/, /t/, /t/, /b/, /d/, /g/]

Constritivas:

[/f/, /s/, /š/, /v/, /z/, /ž/]

Vibrantes

[/r/, /ř/];

Laterais

[/l/, /l̥/]: este último correspondendo ao nosso lh (*ele agá*);

Nasais:

[/m/, /n/ /ň/]

Vogais:

[/a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/]

Semivogais:

[/w/]- correspondente a nossa vogal **u**- átona; /y/ – correspondente a nossa vogal **i**- átona;

Quando as vogais apresentam-se nasalizadas, temos a presença de um acento indicador da nasalização (~) sobre o fonema (LOPES, 2001 p.102-103).

Munidos das propriedades físicas constituídas dos fonemas, menores unidades mínimas distintivas, o acadêmico das Ciências Biológicas, ao se deparar com as expressões científicas escritas em Latim terão mecanismos para desenvolver o domínio correto do som de cada enunciado, o que para nós enquanto membros de uma cultura ocidental a possibilidade/ capacidade de ler. Caracteriza o ato de dominar, manipular as palavras, ou seja, o domínio do som corresponde ao domínio do objeto, o que ocasiona grande incentivo, motivação para o aprender do “desconhecido” ou “novo”.

3.2 Estratégias de Leitura: Contribuição Semântica

Para referendar a importância da semântica recorreremos ao Oliveira (2008, p.13), que afirma que quando se fala em estudo do significado, o que vem logo à mente das pessoas envolvidas com questões da linguagem é a palavra *semântica*. E é exatamente

assim que a maioria dos livros didáticos de português e dos livros teóricos sobre linguística define a semântica: o estudo do significado.

O texto, a linguagem e os sentidos emanam de uma relação sócio-histórica tendo em vista que todo código representa e materializa o conhecimento de um povo em determinado momento e espaço. O texto, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1995), corresponde a uma ação interindividual (social, entre dois sujeitos) orientada por uma finalidade específica com sentido produzido em distintos momentos da história.

Quem escreve deixa sempre pista a seus interlocutores os quais necessitam utilizar-se de algumas estratégias de leitura a fim de estabelecer a interação. Segundo Kleiman (2008), no ato da leitura precisamos nos utilizar dos conhecimentos de mundo, conhecimentos enciclopédicos e montarmos expectativas de leitura a partir das inferências, ou seja, a cada nova palavra que nos depararmos temos de ativar os conhecimentos já tidos para alcançar conhecimentos novos. Conforme Kleiman:

[...] o conhecimento lingüístico diz respeito aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. (KLEIMAN, 2008, p. 13).

Outro conhecimento que precisamos ativar no ato de leitura conforme Kleiman (2008, p.23) diz respeito ao conhecimento de mundo o qual, geralmente adquirido informalmente, através de nossas experiências e convívio numa sociedade, conhecimento este cuja ativação no momento oportuno é também essencial à compreensão de um texto.

O levantamento de hipóteses para leitura também é imprescindível. A partir dos conhecimentos que temos já materializados no texto, podemos levantar hipóteses de sentidos ativando o conhecimento dito “antigo” a fim de alcançarmos o conhecimento dito “novo”. Ao lermos, estamos entrando em determinadas redes e tramas históricas de sentidos, sobre as quais jamais temos controle total, seja enquanto leitores, seja como os produtores dos textos (SOUZA; SILVA apud Revista Língua Portuguesa, <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/>).

No nosso caso, no momento em que alunos de Botânica aprendem os nomes das nomenclaturas poderão ativar seus conhecimentos para ampliação de leitura, aumentando seu vocabulário latino-português.

Esse levantamento de hipóteses, através de conhecimento de mundo pode ser evidenciado, ativado mediante as imagens, as figuras que representam cada uma das plantas analisadas no trabalho, pois, através da linguagem imagética versus linguística acionamos nossos conhecimentos prévios, o que torna a aquisição do “novo” mais agradável.

Neste intuito de relacionar competências linguísticas-conhecimentos de mundo/enciclopédico, hipóteses aliados ao domínio do som das expressões, vamos aos levantamentos dos nomes e estratégias possíveis.

3.3. Os levantamentos

Neste capítulo da pesquisa, apresentamos os levantamentos de 27 designações de plantas retiradas do livro “Plantas do Pantanal” de Arnildo Pott e Vali J. Pott, referenciados pela professora e pesquisadora da área da Botânica, Gláucia Almeida, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Ivinhema. Essas 27 expressões, foram pesquisadas a título de uma amostragem para fins de contribuição dos estudos relativos aos aspectos de pronúncia e morfologia latinas, bem como enquanto fomentador das estratégias de leitura para serem aplicadas a qualquer área do conhecimento.

3.4. Dinâmica de apresentação


Para melhor sistematização do trabalho optamos por apresentá-las em tabelas, sendo que enquanto sugestão metodológica para abordagem das expressões latinas com intuito de contribuir para os estudos de alguns nomes na área da Botânica: apresentaremos aqui 02 exemplos das tabelas que foram construídas e as demais serão expostas em anexo. O primeiro passo será expor o nome da planta; em seguida, na coluna (lado esquerdo) apresentamos a imagem juntamente com a transcrição fonológica, conforme alfabeto fonético internacional a partir de Lopes (2001), seguido da transcrição canônica, ou seja,

correspondente ao modo de pronúncia conforme o senso comum, e na coluna da direita apresentamos o significado de acordo com o dicionário etimológico Saraiva (2000).


Essa descrição fonológica tem por objetivo facilitar o aprendizado da pronúncia das expressões latinas, tendo em vista ser um dos fatores que dificultam o estudo da Botânica o pouco conhecimento sobre a forma de pronunciar os nomes, já que apenas temos estes estudos realizados no curso de Letras, mediante a disciplina de Fonética e Fonologia.

Na segunda coluna (lado direito), temos o trabalho morfológico, ou seja, o estudo das partes (radicais, afixos) das designações de plantas, e seus significados conforme dicionário etimológico Saraiva (2000), dicionário Aulete (online), Potti (1994). Na última linha da tabela apresentamos os comentários, as inferências que podem ser utilizadas a fim de facilitar o aprendizado dos nomes, ativando para isso nossos conhecimentos de mundo e de leituras (KLEIMAN, 2008) realizadas para apreensão dos significados.

1. *Ruellia gemminiflora*

 <p><i>Tr. Fonética:</i> [Ru. 'ɛ.lya. Ge.mi.ni. 'flo.ra]</p>	<p><i>Ruellia:</i> homenagem ao Botânico francês Ruelle <i>Gemmini:</i> de gemminus, -i(adj.) duplo, que é em número de dois; <i>Flora:</i> flos, oris, -a : flor, floração</p>
<p><i>Tr.Can.</i> [Ru.é.la. Ge.mi.ni.fló.ra]</p>	
<p>Comentários: <i>Gemminiflora:</i> flores gêmeas de Ruelle</p>	

2. *Glinus radiatus*

	<p><i>Glinus</i>: <i>glinos, -i</i>: qualidade de bordo branco; 2. nome popular latino; <i>Radiatus</i>, -a, -um: que tem raios, radiante, luminoso, luzente, brilhante.</p>
<p>Tr. Fonética: [gli.nus.ra.dya.tus]</p>	
<p>Tr.Can. [gli.nus.ra.di.a.tus]</p>	
<p>Comentários: Árvore/planta(<i>glinus</i>) radiante (<i>radiatus</i>)</p>	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa objetiva contemplar não apenas o contexto histórico do latim e suas características, o nosso foco também prestigia a presença da Língua Latina nas Ciências Biológicas, especificamente na Botânica, sendo que nos documentos que foram registrados ao longo dos anos sempre encontramos essa ciência relacionada ao estudo do latim.

O primeiro capítulo que trata do contexto Histórico da Língua Latina nos propiciou o aprofundamento na visão que cada autor complementa sobre o assunto demonstrando o quanto importante é o estudo dessa língua “não falada”, porém presente em alguns documentos que envolvem a nossa história.

Nesse mesmo capítulo abordamos o uso do Sistema Fonético Latino na tentativa de contribuir com a pronúncia o mais plausível possível. Outro item importante faz referência aos aspectos morfológicos especificamente o caso dos substantivos, já que a nossa pesquisa esta sustentada nesse pilar porque na Botânica em sua maioria as palavras são substantivos ou adjetivos.

No segundo capítulo tivemos a oportunidade de confirmar a relação que a Língua Latina tem com as Ciências Biológicas através da enorme contribuição que o Latim fornece para os estudos da Botânica juntamente com os depoimentos de cada teórico acerca do assunto.

Já o terceiro capítulo foi de grande importância porque pontua o que vem a ser a fonologia com base nos autores e conseqüentemente a representatividade que abrange esses estudos, também buscamos fazer referência ao alfabeto fonético internacional para dar suporte a essa pesquisa.

O subtítulo que envolve as estratégias de leitura e a contribuição semântica no fez lembrar o que é a Semântica e qual é sua abrangência nos estudos da linguagem. Nessa mesma linha de raciocínio aprendemos que no ato de leitura, precisamos nos utilizar de conhecimentos de mundo, conhecimentos enciclopédicos e desse modo montamos expectativas de leitura a partir de inferências, ou seja, a cada nova palavra que nos deparamos temos de ativar os conhecimentos já tidos para alcançar novos conhecimentos.

Desse modo, buscamos fazer o levantamento dos aspectos fonológicos e semânticos de algumas expressões latinas presentes no livro previamente recomendado por uma pesquisadora e professora de Botânica que nos propiciou uma visão mais ampla acerca da

importância da Língua Latina e sua forte presença em outros campos de estudo. O objetivo que foi proposto atingiu as expectativas necessárias para sua posterior divulgação.

Futuramente o nosso intuito é de oferecer oficinas aos acadêmicos do curso de ciências biológicas de Ivinhema e Mundo Novo especificamente na disciplina de botânica porque precisamos conciliar teoria e prática em nossos estudos para obter o maior êxito possível nos resultados dessa pesquisa, ou seja, queremos que os acadêmicos tenham uma visão ampliada em torno da língua latina e sua importância na disciplina de botânica já que a mesma faz uso do latim clássico em suas nomenclaturas científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

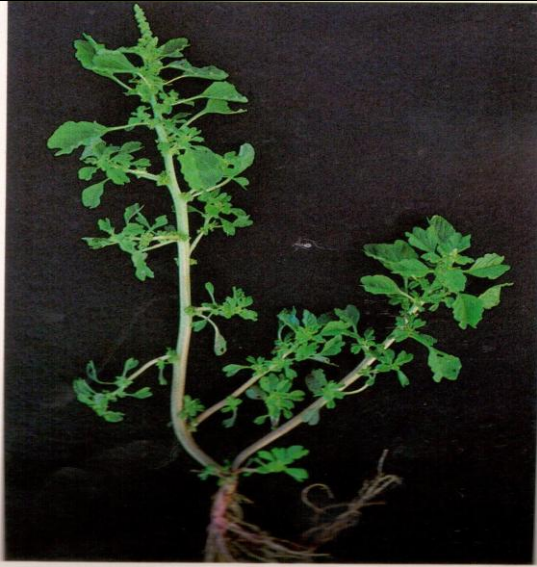
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BASSETTO, B. F. Elementos de filologia românica: **Origens das línguas românicas**. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. Elementos de filologia românica: vol: II. **História interna das línguas românicas**. São Paulo: Edusp, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação e dos Desportos. Secretaria do Ensino Médio.
- BUENO, E.S.S.; FACCO, A. **Manual de Normas Técnicas para trabalho de conclusão de curso**. Dourados: UEMS, 2008.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao Latim**. 3ª ed. Ática. 1997.
- COMBA, Júlio. **Gramática Latina**: para seminários e faculdades. – 4. ed. ver. adp. à nomenclatura gramatical brasileira: São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1973.
- FURLAN, Oswaldo. **Latim para o português**: gramática, língua e literatura. Florianópolis: EDUFSC, 2006.
- KLEIMAN, A. Texto e Leitor: **aspectos cognitivos da leitura**. 8ª edição. Campinas: Pontes, 2008.
- LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. 23ª edição. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2001.
- MARASCHIN, Leila Teresinha. **Latim Vulgar como disciplina: resgatando os Estudos Filológicos na Universidade Federal de Santa Maria.[s/d]**. Disponível em www.filologia.org.br/xiicnlf/textos
- MARTINS, M. C. A. **A língua latina: sua origem, variedade e desdobramentos**. Revista Philologus Circuito Fluminense de Estudos Filológicos. Ano 12, n 36 set/dez 2006. Rio de Janeiro: CIFEFIL
- MELO Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília, 1995.
- SÁ, E. J. de. **Pra não dizer que não falei de flores** apud REVISTA LINGUA PORTUGUESA: CONHECIMENTO PRÁTICO. Editora Escala educacional.
- POTT, Arnildo; POTT. V. **Plantas do Pantanal**. Empresa brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal. Corumbá MS, 1994

VIARO Mário Eduardo. **A importância do latim na atualidade**. Publicado na *Revista de ciências humanas e sociais*, São Paulo, Unisa, v. 1, n. 1, p. 7-12, 1999.


SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português**. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, ed. 11^a, 2000.

ANEXOS


ANEXO A - *Amaranthus lividus polygonoides*

	<p>Amaranthus: <i>amarantus</i>, -i, -s: flor perpétua, flor veludo, ornamental e comestível (Aulete);</p> <p>Lividus, -a, u: de cor de chumbo, lívido, negro, pálido;</p> <p>Polygonóides: que tem muitos ângulos, folhas</p>
<p>Tr. Fonológica: /a.ma. 'rã.tus. li.vi.dus. po.li.go 'noy.dis/</p>	
<p>Tr.Can.: /a.ma.ran.tus. li.vi.dus. po.li.go.nói.dis/</p>	
<p>Comentários: Planta cuja flor é resistente, perpétua (<i>amaranthus</i>), com caule cor de chumbo, pálido e folhas em vários ângulos, cantos (<i>polygonóides</i>)</p>	

ANEXO B - Iresine-macroplyla

	<p><i>Iresine</i> (cf. Potti. Ramos entrelaçados com lâ)</p> <p>Macro: grande;</p> <p>Phyla: folha</p>
<p><i>Tr. Fonológica:</i> /i.re.zi.ni.ma.kro.fi.la/</p>	
<p><i>Tr.Can.:</i> /i.re.zi.ni. ma.kro.fi.la/</p>	
<p>Comentários: Planta que se caracteriza pela grande (<i>macro</i>) reunião de ramos e folhas(<i>phyla</i>)entrelaçados com lâ</p>	

ANEXO C - Anacardium humile

	<p><i>An:</i> inversão, ao contrário; <i>Cardium</i> : coração; <i>Humile</i> < <i>húmus</i>: chão, solo, terra: (pequeno, baixo, pouco elevado)</p>
<p><i>Tr. fonológica:</i> /ã.na. 'kar.dy.μ. 'ru.mi.li/</p>	
<p><i>Tr. can.</i> /a.na.cár.dium. rú.mi.li/</p>	
<p>Comentários: <i>Planta cujo fruto, semente está voltada para o chão, solo (humile), pequeno, baixo, em forma de um coração (cardium) invertido (Ana) – anacardium humile.</i></p>	

ANEXO D - Astronium fraxinifolium (Schot)



Tr. fonológica: /as. 'tro.nyμ. fra.ki.sĩ. fo.liμ./

Tr. can. : /as.tro.nium.fra.qui.cin.fó.lium/

Astronium: (*Astro* + *nium*)

Astro > *estrela* : *estrela*

Nium: *diminutivo, pequeno, a;*

Fraxinifolium:

Fraxinus, fruxo: *árvore;*

Folium, -i: *folha, folhagem*

Comentários: *Planta composta de freixo (fraxinus) em formato de estrelas pequenas (astronium) – ASTRONIUM FRAXINFOLIUM*

ANEXO E - *Annona cornifolia*

Annona: de annus – *colheita dos frutos de um ano*;

Corni, cornus, orum: *cornus*;


Folia < folium: *folha, folhagem*

Tr. fonológica: /a. 'no.na.kor.ni. fo.lya/


Tr. can. /a.no.na.cor.ni.fó.lia/

Comentários: *Planta cujas folhas (folia) são semelhantes a fruta europeia com o nome de (cornus), cujos frutos são produzidos apenas uma vez por ano*

ANEXO F - *Annona dioica*

	<p>Dióica Di: <i>duas vezes</i>; Oica: <i>planta/casas de sexo não separados</i></p>
<p><i>Tr. fonológica:</i> /a.no.na.di.oy.ka/</p>	
<p><i>Tr. can.:</i> /a.no.na.di.ói.ca/</p>	
<p><i>Comentários:</i> <i>Planta (oica) cuja formação dos frutos ocorre por fusão de dois elementos (di) no mesmo espaço</i></p>	


ANEXO G - *Aspidosperma cylindrocarpon*

	<p>Aspidis> scutum: <i>escudo</i> ; Sperma, -a, -tis : <i>esperma, semente,</i> Cylindrocarpon: <i>corpo comprido e roliço</i></p>
<p>Tr. fonológica: /as.pi.dos. 'pɛr.ma ci.lĩ.dro. 'kar.põ/</p>	
<p>Tr. can.: /as.pi.dos.pér.ma. ci.lin.dro.car.pon/</p>	
<p>Comentários: <i>Planta cuja semente (sperma) tem o formato comprido e roliço (cylindrocarpon) que lembra um escudo (aspidis)- ASPIDOSPERMA CYLINDROCARPON</i></p>	


ANEXO H - *Macrosiphonia petrae*

	<p>Macro: <i>grande, longa;</i> Phonia: <i>som, fonação, tubo;</i> Petrae, -a: <i>pedra, relativo a terra, da</i></p>
<p><i>Tr. fonológica:</i> /ma.kro.zi.fo.nya.'pɛ.tre/</p>	
<p><i>Tr. can.:</i> /ma.kro.zi.fô.nia.pé.tre/</p>	<p>Comentários: <i>Planta de folhas grandes (macro) e flores semelhantes a uma cavidade auricular(phonia), cuja germinação ocorre em terreno arenoso e suas raízes se assemelham a uma pedra (petrae) MACROSIPHONIA PETRAE</i></p>


ANEXO I - *Rodocalix rotundifolius*

 <p><i>Tr. fonológica:</i> /ro.do. ka.li.kis. ro.tμ.di. fo.liw/</p>	<p>Rodius<rhodo: <i>vermelho</i>; Calyx, -ycis: <i>botão ou cálice das flores</i>; Rotundi, rotundatus: <i>arredondado</i>; Folius, -i: <i>folha, folhagem</i></p>
<p><i>Tr. can.:</i> /ro.do.cá.li.quis.ro.tun.di.fó.lius/</p>	
<p>Comentários: <i>Planta cuja folha, folhagem (folius) é arredondada (rotundatus), em formato de um cálice (calyx) com flores avermelhadas(rodo) – RODOCALIX ROTUNDIFOLIUS</i></p>	


ANEXO J - Dracontium margaretae

	<p>Dracontium < draco Margaretae: Bogner Margaretae > margarida;</p>
<p><i>Tr. fonológica:</i> /dra.kõ.siµ. mar.ga.rɛ.te/</p>	
<p><i>Tr. can.:</i> /dra.con.ciu. mar.ga.ré.ti/</p>	
<p>Comentários: Planta, talvez tóxica (dracontium) em que a imagem das folhas remetem a pata de um dragão. Também podemos assimilar seu sentido associando-o a margarida < margaretae ou, mais precisamente, a malmequer em que algumas variedades também podem ser tóxicas- DRACONTIUM MARGARETAE</p>	

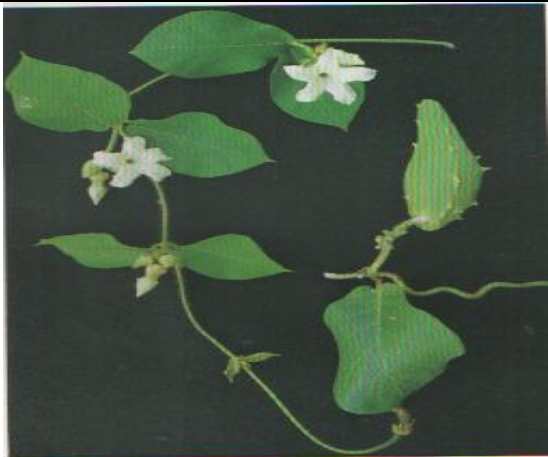
ANEXO K - *Spathicarpa hastifolia*

	<p>Spathi>spatta,-ae: <i>espátula, o mesmo que espada larga;</i> Carpa, ae: <i>carpa, peixe;</i> Hasti: <i>lança;</i> Folia: <i>folha, folhagem</i></p>
<p><i>Tr. fonológica:/is.pa.ti. 'kar.pa.ras.ti. fo.lya/</i></p>	
<p><i>Tr. can.:/is.pa.ti.car.pa. ras.ti.fo.lia/</i></p>	<p>Comentários: <i>Planta cuja folha (folia) na base, tem a forma de uma lança (hasti), uma espada (spathi/espada) com a forma de um peixe (carpa) na extremidade –</i> SPATHICARPA HASTIFOLIA</p>


ANEXO L - *Asclepias mellodora*

	<p>Asclépias, -adis: <i>Deus da saúde (Potti): erva semelhante a era nas folhas, contra veneno, vomitiva (Potti)-Asclépiades: médico famoso em Roma no ano 100 a. C.;</i></p> <p>Mel, mellis (n): <i>mel, doçura, carinho;</i></p> <p>Odora: <i>odor, aquele que exala cheiro de</i></p>
<p><i>Tr. fonológica:/as.ki.'lɛ.pyas. me.lo.'do.ra/</i></p>	
<p><i>Tr. can.:/as.clé.pias. me.lo.do.ra/</i></p>	
<p>Comentários: <i>Planta vomitiva (asclepias) cujas flores exalam (odora) cheiro de mel. Subentende-se que o nome tenha sido associado a um médico, Asclepiades em razão do conforto após a cura de um mal - ASCLEPIAS MELLODORA</i></p>	


ANEXO M - *Schubertia grandiflora*

 <p><i>Tr. fonológica:</i>/is.ku.bɛr.sya. grã.di.flo.ra/</p>	<p>Schubertia: homenagem à Von Schubert Grandi, is, e: grande, crescido, elevado (com respeito aos vegetais); Flora>flos, floris: flor</p>
<p><i>Tr. can.:</i>/is.cu.bér.cia. gran.di.fló.ra/</p>	
<p>Comentários: Flor grande (grandiflora) em homenagem ao professor Von Schubert (Schubertia) – SCHUBERTIA GRANDIFLORA</p>	


ANEXO N - Macfadyena unguis-cati

 <p><i>Tr. fonológica:/ma.ki.fa.di.e.na. μ.gwis.ka.</i> <i>Ti/</i></p>	<p>Macfadyen: botânico, autor da flora da Jamaica; Ungüis, i: unha; Catus, -i> cati: gato</p>
<p><i>Tr. can.:/ma.ki.fa.die.na.un.guis.cati/</i></p>	
<p>Comentários: Planta com gavinha/garra semelhante a uma unha de gato(unguis-cati)cujo nome (Macfadyena) foi atribuído em homenagem ao botânico</p>	


ANEXO O - *Tabebuia Heptaphylla*

	<p><i>Tabebuia: nome indígena, ipê, árvore da casca;</i> <i>Hepta: o número sete;</i> <i>Phylla: folhas</i></p>
<p><i>Tr. fonológica:/ta.be. 'buy.ya. e.py. 'ta.fi.la/</i></p>	
<p><i>Tr. can.:/ta.be.bui.ia. e.pi.ta.fi.l/</i></p>	
<p>Comentários: <i>Árvore de casca com sete folhas heptaphylla</i></p>	


ANEXO P - Cordia alliodora

	<p><i>Cordia</i>: homenagem a Cordus, pai e filho (botânicos), cf. Potti; <i>Allio</i> > alho; <i>Odorus, odor</i>: cheiro, odor</p>
<p><i>Tr. fonológica</i>: /kor.dya. a.li.o.do.ra/</p>	
<p><i>Tr. can.</i>: /cór.dia. a.li.o.dó.ra/</p>	
<p>Comentários: Planta cuja madeira exala o cheiro (odora) de alho a qual recebe o nome de cordia, em homenagem aos botânicos Cordus, pai e filho - CORDIA ALLIODORA</p>	


ANEXO Q - Heliotropium filiforme

	<p>Helio: sol (grego); Tropium: virada para o sol Fili: fio; Forme: em forma, formato de</p>
<p>Tr. fonológica: /e.lyo.tro.piw.fi.li.for.mi/</p>	
<p>Tr. can.: /e.lio.tró.pium.fi.li.for.mi/</p>	
<p>Comentários: Planta em forma de fio (filiforme) cuja flor é virada para o sol (heliotropium)</p>	


ANEXO R - *Protium heptaphyllum*

	<p><i>Protium:</i> sobrenome romano; <i>Hepta:</i> o número sete; <i>Phyllum:</i> folha.</p>
<p><i>Tr. fonológica:</i> /pro.si.µ. e.pi.ta.fi.lu.m/</p>	
<p><i>Tr. can.:</i> /pró.cium.e.pi.tá.fi.lum/</p>	
<p>Comentários: Planta cujo galho é composto de sete folhas (<i>heptaphyllum</i>) em homenagem a filha de Nereu(<i>Proto-ium</i>) ninfa do mar.</p>	

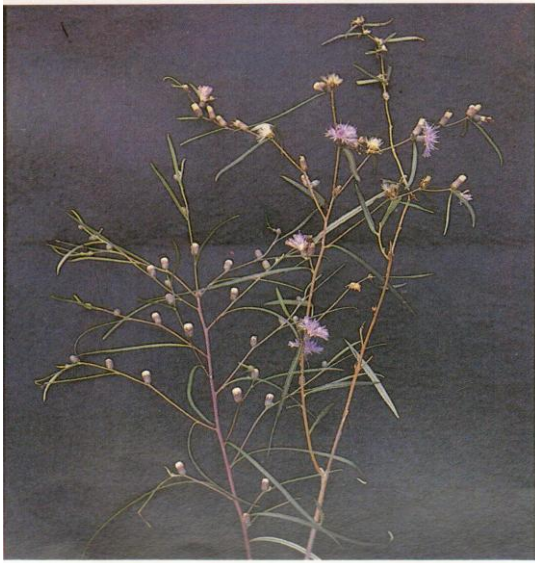
ANEXO S - Combretum duarteanum

	<p><i>Combretum</i>: nome latino antigo; <i>Duarteantum</i>: homenagem a Duarte</p>
<p><i>Tr. fonológica</i>: /kõ.bre.tµ. du.ar.te.nµ/</p>	
<p><i>Tr. can</i> :/com.bré.tum.duar.té.num/</p>	
<p>Comentários: Planta em homenagem a Duarte (<i>Duarteantum</i>) e <i>Combretum</i> (nome latino antigo) cf. Potti</p>	


ANEXO T - Eupatorium hecatanthum

 <p><i>Tr. fonológica: /ew.pa. 'to.ri.μ. e.ka. 'tã.tμ/</i></p>	<p><i>Eupatórium: do rei ,ao rei Eupator; Heca: cem flores.</i></p>
<p><i>Tr. can.: /eu.pa.tó.riu. e.ca.tan.tum/</i></p>	
<p><i>Comentários: Planta em homenagem ao rei Eupator (Eupatorium) e hecatanthum (cem flores) cf. Potti</i></p>	


ANEXO U -Vernonia rubricaulis

	<p>Vernonia: homenagem ao botânico Americano Vernon; Rubri, -ae: a/da tinta vermelha; Caulis, is: tronco ou caule das plantas</p>
<p>Tr. fonológica:/ver.nõ.nya. ru.bri.kaw.lis/</p>	
<p>Tr. can.:/ver.no.nia. ru.bri.cau.lis/</p>	
<p>Comentários: Planta cujo tronco ou caule tem coloração vermelha em homenagem a Vernonia</p>	


ANEXO V - Diospyros hispida

	<p><i>Diospyros</i>: herba das sete sangrias; <i>Dios, dius, dea, deus</i>; <i>Pyros, pirum, i: pêra</i>; <i>Hispida</i>: pilosa, ramo, folha e fruto</p>
<p><i>Tr. fonológica</i>: /dyos.pi.rus. ris.pi.da/</p>	
<p><i>Tr. can.</i>: /diós. pi.rus.rís.pi.da/</p>	
<p>Comentários: herba das sete sangrias; deus das peras(<i>diospyros</i>) cujos ramos, folhas e frutos são pilosos(<i>hispida</i>)</p>	


ANEXO W - Alchornea castaneifolia

	<p>Alchornea: homenagem ao botânico inglês Alchornel; Castanei: de castanea, -ae: árvore que dá as castanhas (fruto da castanheira); Folia: de faliaceus: que tem feitio de uma folha - foliáceo</p>
<p>Tr. fonológica: /aw.kor.nɛ. kas.ta.ney.fo.lya/</p>	
<p>Tr. can.: /au.cór.nia. cas.ta.nei.fó.lia/</p>	
<p>Comentários: Planta produtora de castanha (castanea) em homenagem a Alchornea</p>	

ANEXO X - *Phyllanthus amarus*

	<p><i>Phyllanthus</i>: flor na folha (que é o ramo) <i>Amarus, -a</i>: amargo ao paladar, de sabor amargo</p>
<p><i>Tr. fonológica</i>: /pli.lã.tus. a.ma.rus/</p>	
<p><i>Tr. can</i>: /pli.lan.tus. a. ma.rus/</p>	
<p><i>Comentários</i>: Faz referência as flores na folha (<i>phyllanthus</i>) e essas mesmas folhas tem sabor amargo (<i>amarus</i>).</p>	

ANEXO Y - *Kielmeyera coriacea*

 <p data-bbox="225 824 778 860"><i>Tr. Fonológica: /ki.ɛw.mey.ɛ.ra. ko.rya.sɛ/</i></p>	<p data-bbox="804 360 1359 465">Kielmeyra: homenagem a Von kilmeyer. Coriarius, a, um, adj (de <i>corium</i>). <i>Relativo ao couro.</i></p>
<p data-bbox="225 907 676 943"><i>Tr. can. /qui.éu.mei.é.ra. co.ria.ce/</i></p>	
<p data-bbox="225 987 1230 1057"><i>Comentários: planta semelhante ao couro (coriarius) e que homenageia Von kilmeyer (Kielmeyera).</i></p>	